

André Green

Anne Alvarez

Antonino Ferro

Betty Joseph

Caetano Veloso

Christopher Bollas

Isaías Melsohn

J.-B Pontalis

Joyce McDougall

Leyla Perrone-Moisés

Luiz Tatit

Maria Rita Kehl

Marilia Aisenstein

Paulo Mendes da Rocha

Pierre Fédida

Wilfred R. Bion

IDE EM ENTREVISTAS

50 anos

Blucher

sbp^{SP}
Sociedade
Brasileira de
Psicanálise de
São Paulo

IDE EM ENTREVISTAS

50 ANOS

Organizadores

Alexandre Socha

Alessandra Susie Quesado Nicoletti

Bruna Paola Zerbinatti

Gilca Zlochevsky

Pedro Ernesto de Souza Sang

Rita Andréa Alcântara de Mello

IDE em entrevistas: 50 anos

© 2025 Alexandre Socha, Alessandra Susie Quesado Nicoletti, Bruna Paola Zerbinatti, Gilca Zlochevsky, Pedro Ernesto de Souza Sang, Rita Andréa Alcântara de Mello (organizadores)
Todas as entrevistas apresentadas neste livro são de propriedade da SBPSP.
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Preparação de texto Lígia Alves

Diagramação SB Nigri Artes e Textos

Revisão de texto Equipe editorial

Capa Tiago Dela Rosa

Imagem da capa Revista IDE, n. 34, 2001 – SBPSP

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

IDE em entrevistas : 50 anos / organizadores Alexandre
Socha, Alessandra Susie Quesado Nicoletti, Bruna Paola
Zerbinatti, Gilca Zlochevsky, Pedro Ernesto de Souza Sang,
Rita Andréa Alcântara de Mello. – São Paulo : Blucher, 2025.

254 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2752-6 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2747-2 (Eletrônico - Epub)

ISBN 978-85-212-2748-9 (Eletrônico - PDF)

1. Psicanálise. 2. Psicanálise e Cultura. 3. Psicanálise –
Entrevistas. I. Título. II. Socha, Alexandre. III. Nicoletti,
Alessandra Susie Quesado. IV. Zerbinatti, Bruna Paola.
V. Zlochevsky, Gilca. VI. Sang, Pedro Ernesto de Souza.
VII. Mello, Rita Andréa Alcântara de.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio – Breve histórico para uma psicanálise em movimento	7
Entrevistas	
1. Caetano Veloso (1976)	17
2. Wilfred R. Bion (1978)	39
3. Leyla Perrone-Moisés (1978)	53
4. André Green (1986)	59
5. Joyce McDougall (1988)	73
6. Betty Joseph (1989)	83
7. J.-B. Pontalis (1989)	101
8. Anne Alvarez (1995)	125
9. Pierre Fédida (1995)	135
10. Antonino Ferro (1996)	147
11. Christopher Bollas (1997)	157
12. Paulo Mendes da Rocha (1998)	173
13. Maria Rita Kehl (2003)	185
14. Marília Aisenstein (2006)	211
15. Isaías Melsohn (2007)	219
16. Luiz Tatit (2012)	239
Comissões editoriais da IDE	249

Prefácio

Breve histórico para uma psicanálise em movimento

Alexandre Socha

“Uma publicação está nascendo”, anunciou o primeiro editorial da IDE. Como tende a ocorrer em todo nascimento, este vinha carregado de esperanças, mas também de muitas incertezas: “apesar do grande empenho, de todo o nosso esforço nesses sete meses, não sabemos qual será a evolução do nosso periódico”, continuou o texto inaugural. A dúvida não era de todo infundada. A mera existência de uma publicação como a IDE é um fato raro no meio psicanalítico. Se hoje em dia são poucas as revistas dedicadas prioritariamente às intersecções entre psicanálise e outras formações da cultura, em 1975 – ano de sua fundação – esse número era ainda mais restrito. Propomos, neste breve texto de abertura, oferecer algumas notas históricas que sirvam para contextualizar a originalidade do projeto editorial e sua trajetória.

Sobre começos...

A fundação da IDE surge a partir de uma proposta de Laertes Moura Ferrão, então presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), para a criação de um Boletim que divulgasse as atividades e notícias societárias. Em maio de 1975, a Diretoria instituiu uma comissão denominada “Boletim da Sociedade”, composta por Chaim José Hamer – que havia se tornado membro efetivo naquele mesmo ano – na função de editor, e por Deodato Curvo de Azambuja e Arlindo J. A. da Cunha como redatores (ambos também recém-admitidos como membros associados). Essa comissão formou uma equipe de colaboradores

composta, em sua maioria, por jovens psicanalistas em formação no Instituto¹, muitos deles integrantes de um grupo de estudos dedicado aos textos culturais de Freud, iniciado em 1971.

A proposta original de um Boletim foi considerada redundante em relação às circulares internas já existentes, e o projeto editorial logo assumiu contornos mais ambiciosos, sendo substituído justamente pelo seu oposto: uma publicação não mais de caráter informativo e “intramuros”, mas sim de caráter reflexivo, voltada a estabelecer interfaces entre a vida societária e o “mundo externo”, incluindo temas e discussões que favorecessem o trânsito entre os psicanalistas e um público leigo. Como definiu Hamer (2015), seu primeiro editor:

A IDE tinha esse propósito, sempre teve esse propósito. Não era uma revista para os psicanalistas, era uma revista para os amigos e para as famílias dos psicanalistas, uma publicação que deveria ir em direção à comunidade, apresentando a psicanálise para um grupo mais amplo. Eu queria que a psicanálise se difundisse, que se expandisse [...] A ideia não era trazer a cultura para os psicanalistas, mas de levar a psicanálise para a cultura. Era uma ideia nova. (p. 14)

Essa “ideia nova” confere o *ethos* que define a revista desde a sua fundação até o momento presente: uma concepção de psicanálise como “diálogo”, como encontro entre alteridades. Sua linha editorial específica, levada a cabo e amadurecida nas décadas seguintes, propõe não tanto uma homogeneização entre a perspectiva psicanalítica e as de outras áreas de saber, mas antes a convivência das diferenças e a sustentação de confrontos inter e intradisciplinares.

Os primeiros números da IDE reuniam sínteses das discussões ocorridas em congressos psicanalíticos, reflexões curtas sobre poemas ou filmes, traduções, quadrinhos de humor, trabalhos de analistas da SBPSP e de não psicanalistas, etc. Em meio a um conteúdo tão diversificado, destacam-se entrevistas com pioneiros do movimento psicanalítico brasileiro e com diferentes figuras da cultura

1 Com exceção de Roseli Stier de Azambuja, à época estudante de Sociologia na Universidade de São Paulo, todos os colaboradores iniciais se encontravam em formação no Instituto da SBPSP: Beatriz M. M. Piccoli, Cyro Lavieri, Luiz Roberto Salgado Candiota, Luiz Tenório Oliveira Lima, Maria Lúcia Pacheco e Silva, Myrna Pia Favilli, Paulo Duarte Guimarães Filho e Sonia Azambuja.

brasileira. Desde a sua fundação, as entrevistas ocuparam um lugar cativo de destaque, representativo do caráter de abertura a outras tradições psicanalíticas e outras formas de pensar que a revista buscava introduzir. Convém lembrar que uma seção de entrevistas era, à época, algo inusual para uma publicação psicanalítica, e foi também pioneira nas publicações da SBPSP.

Provêm desses primeiros números as entrevistas aqui selecionadas de Caetano Veloso, de 1976, realizada em sua casa no Rio de Janeiro pelo amigo e então colaborador da IDE, Luiz Tenório Oliveira Lima; de Leyla Perrone-Moisés, de 1978, também conduzida por Tenório em parceria com José Miguel Wisnik; e, por fim, a de Wilfred R. Bion, ocorrida em setembro de 1978. Pouco tempo antes, em abril do mesmo ano, Bion havia realizado sua terceira visita a São Paulo, consolidando na SBPSP uma inflexão significativa nos estudos de sua teoria². Nas duas primeiras décadas de sua existência, a IDE trouxe continuamente traduções e supervisões clínicas de Bion. A entrevista com o autor, originalmente publicada em inglês e que ganha aqui sua primeira tradução para o português, foi realizada em Los Angeles por uma das colaboradoras da revista, Márcia Mello e Silva, que na ocasião visitava a Sociedade Psicanalítica local.

... meios...

Em certo sentido, a busca pela circulação e valorização da psicanálise em um meio mais amplo, encampada pela IDE, não era uma proposta inteiramente nova ou inédita. Embora as raízes do pensamento psicanalítico no Brasil tenham originalmente encontrado terreno no meio médico, a partir da década de 1920 – por influência de Durval Marcondes e sua circulação no movimento modernista paulista – o meio intelectual e artístico também passou a acompanhar com interesse as aclimações das ideias freudianas. Ainda na metade do século XX, outros pioneiros contribuíram largamente para a divulgação da psicanálise, como Virgínia Leone Bicudo, cujo programa na rádio *Excelsior*, intitulado “Nosso mundo mental”, e a coluna homônima na *Folha da manhã*, dirigiam-se ao público leigo abordando situações do cotidiano sob um viés psicanalítico.

2 Embora um grande interesse já se manifestasse de forma explícita na década anterior, sobretudo com a vinda de Frank Phillips ao Brasil em 1968, as visitas de Bion em 1973, 1974 e 1978 estabeleceram uma tradição bioniana de grande pregnância na produção teórico-clínica da SBPSP, a qual permanece viva até os dias atuais.

No entanto, o clima político e institucional da psicanálise brasileira em meados da década de 1970 apresentava um cenário completamente diverso. Conceber uma psicanálise intrinsecamente atravessada pela cultura e difundir ideias psicanalíticas a um público não especializado era, de certa forma, ir na contramão de um fechamento institucional que se tornava cada vez mais acirrado na SBPSP – um fechamento decorrente de disputas de poder inerentes às dinâmicas institucionais, mas que também refletia, ainda que de maneira indireta, os efeitos do regime autoritário vigente no país. Embora tenha surgido em um momento de efervescência criativa nas artes e na cultura brasileira, o nascimento da IDE ocorreu em meio aos “anos de chumbo” da ditadura militar, carregando, assim, as marcas desse contexto histórico.

A primeira gestão editorial, que contou com firme apoio da Diretoria da SBPSP – inicialmente na pessoa de Ferrão e, posteriormente, de Gecel Luzer Szterling – publicou os seis primeiros números entre 1975 e 1978. O início da gestão seguinte, no entanto, foi acompanhado por reações opostas que sugeriam a interrupção da revista. No editorial do sétimo número, em 1979, Myrna Pia Favilli menciona a ocorrência de um plebiscito entre colegas para avaliar se “uma publicação de caráter ‘cultural’ era viável na Sociedade”, indicando, assim, ter a IDE se tornado alvo de críticas. Essa segunda gestão da revista, composta por membros da anterior, publicou apenas dois números antes que a IDE fosse interrompida em 1980. Diante do risco de que a publicação não encontrasse ressonância suficiente no meio institucional, o editorial assinado por Deodato Azambuja encerrava-se com a esperança de que outros viessem a assumir o comando desse “barco à deriva”.

Quando a criação de um Boletim foi proposta em 1975, a SBPSP reunia cerca de 150 membros e candidatos³ e já possuía outras publicações próprias. O *Jornal de Psicanálise* havia sido fundado em 1966, por iniciativa de Virgínia Bicudo, então Diretora do Instituto, com o propósito específico de estimular a produção científica de candidatos, em um momento em que havia poucos espaços para isso⁴. Ainda hoje, temas ligados à formação psicanalítica continuam

3 O termo “candidato” designava, então, os analistas em formação no Instituto da SBPSP. Em 2007 o termo foi oficialmente substituído por “membro filiado”, como fruto de conquistas em termos de representatividade institucional.

4 Após uma interrupção de três anos, decorrente de dificuldades financeiras, o *Jornal de Psicanálise* voltou a ser publicado também em 1975.

sendo prioridade na publicação. Havia também a *Revista Brasileira de Psicanálise* que, após um primeiro número isolado em 1928, foi relançada de modo definitivo no ano seguinte ao *Jornal*, em 1967. Essa publicação surgiu com o intuito de divulgar a produção teórico-clínica dos membros de todas as filiadas da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) no Brasil. Inicialmente vinculada à SBPSP, a *Revista Brasileira de Psicanálise* foi transferida em 1974 para a Associação Brasileira de Psicanálise – atual Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) – tornando-se desde então o seu veículo oficial, embora sua coordenação editorial tenha se mantido em São Paulo.

O fato de um modesto Boletim ter se transformado em uma revista dentro de uma Sociedade ainda pequena, recente nos quadros da IPA⁵ e que já dispunha de outras publicações, é algo bastante incomum. Porém, como observou Azambuja décadas depois (2015, p.17), a não aceitação da revista, que se seguiu aos primeiros números e ainda hoje ecoa, não estaria tanto relacionada à existência de outras publicações, mas antes à sua linha editorial, considerada por alguns membros como um “desvio” a uma Sociedade que se pretendia científica. Tal preocupação revelava, naturalmente, a premissa de uma oposição entre ciência e cultura, em desacordo com a noção implícita ao projeto da IDE de que a ciência pertence à cultura e é indissociável dela. Leopold Nosek (2012) descreve que:

Naquele momento predominava na SBPSP uma prática clínica centrada nos objetos internos do paciente, em que pouco se levava em conta o meio externo, inclusive a participação e o matiz inevitável que a subjetividade do analista traz para a sessão. Essa simples consigna com que a IDE vinha ao mundo já acenava para as mudanças que se tornariam maduras em meados da década seguinte. (p. 509)

De fato, partiu igualmente do primeiro editor da IDE, Chaim José Hamer, a criação de uma chapa de oposição a uma diretoria então hegemônica na SBPSP, levando a um processo eleitoral turbulento em 1982. A vitória dessa chapa deu início a aberturas institucionais que apontavam para direções semelhantes às diretrizes editoriais da IDE. Entre 1987 a 1990, a IPA realizou uma intervenção na

5 A SBPSP recebeu o reconhecimento como Sociedade vinculada à IPA apenas em 1951, no Congresso Internacional de Amsterdã, ainda que sua atividade como Grupo Psicanalítico de São Paulo tenha iniciado oficialmente em 1944.

SBPSP, impedindo inscrição de novos candidatos à formação até que se ampliasse o quadro de analistas didatas e houvesse uma maior mobilidade institucional.

O período institucional turbulento coincide com a interrupção da revista em 1980, atribuída formalmente a problemas financeiros. Com a eleição de Hamer à presidência da SBPSP e aprovação orçamentária em Assembleia, a IDE voltou a ser reeditada em 1983, representando a “tentativa amorosa de se manter ligado às fontes da cultura e não definhar num trabalho psicanalítico empobrecido”, como esclareceu o editorial (Lima e Azambuja, 1983, p. 3).

Em 1985, novamente por questões econômicas, a IDE passou a ser impressa no formato de jornal como condição para sua continuidade. A mudança causou grande impacto entre os leitores, especialmente devido à inventividade e preocupação gráfica das edições anteriores que, apesar do aspecto artesanal, dialogavam com elementos da contracultura brasileira da década de 1960 e 1970.

Ao assumir a editoria da IDE no segundo semestre de 1986, Nosek e sua equipe elaboraram um programa para que a publicação retomasse o formato de revista, o que veio a ocorrer no ano seguinte, em 1987, tendo outro de seus ex-editores, Deodato Curvo de Azambuja, na presidência da SBPSP. Para viabilizar esse retorno, a revista passou a contar com patrocínios e anúncios publicitários de poltronas, relógios, ferragens, entre outros, além da abertura para assinantes externos. Em consonância com o processo de redemocratização do país, o programa editorial adquiriu um tom esperançoso e libertário.

... e recomeços

Após a fase experimental dos primeiros números e o período subsequente, marcado por esforços para garantir sua sobrevivência, a revista ingressou, a partir de 1987, em um momento de maior estabilidade editorial e reconhecimento institucional. As edições passaram a ser organizadas em torno de um tema central, estabelecendo o padrão vigente até hoje. O amadurecimento de sua linha editorial, que reafirmou a “premissa da inviabilidade do desenvolvimento de qualquer área do conhecimento sem o intercâmbio com outros campos de investigação” (Nelken, 1986, p. 2), refletiu-se também no aspecto gráfico, sedimentando uma identidade visual singular.

Foi estabelecido um novo padrão estético para a revista, com grande ênfase nos aspectos formais da diagramação e diversas intervenções artísticas. Com

projetos gráficos assinados por Rodrigo de Castro Andrade e outros artistas, a revista passou a contar com ilustrações de grandes nomes da arte brasileira contemporânea, como Tomie Ohtake, Amilcar de Castro, Nuno Ramos, Wesley Duke Lee, Carmela Gross, Alex Cerveny, Sérgio Sister, Nelson Leiner, José Leonilson e outros.

O retorno ao formato original de revista foi também acompanhado pela padronização da capa, que passou a estampar a reprodução do diagrama esquemático da sexualidade que caracteriza a melancolia – rascunho de Freud enviado a Fliess em correspondência de janeiro de 1895. A escolha editorial foi justificada por seu “apelo estético que lembra rascunhos de forma pictórica” (Nosek, 1988, p. 1). O desenho tornou-se uma marca do grupo editorial que conduziu a revista por uma década⁶, entre 1986 e 1996, e consolidou a “refundação” da IDE.

Refletindo também um momento de abertura institucional, marcado pelo início das visitas regulares de psicanalistas estrangeiros para conferências e supervisões, são provenientes desse período as entrevistas aqui incluídas de André Green (1986), Joyce McDougall (1988), J.-B. Pontalis (1989), Pierre Fédida (1995), Anne Alvarez (1995) e Antonino Ferro (1996).

O trabalho de revitalização que reposicionou a IDE frente às questões de seu tempo resultou, a partir de 1997, em uma maior rotatividade de grupos editoriais, ampliando, assim, sua representatividade institucional e sinalizando sua crescente importância. Nos anos seguintes, foram editores da IDE: Cássia Aparecida Nuevo Barreto Bruno (1997-2000), Sandra Maria Gonçalves (2001-2004), Magda Guimarães Khouri e Jassanan Amoroso Dias Pastore (2005-2008), Cintia Buschinelli (2009-2010), José Martins Canelas Neto (2011-2015), João Augusto Frayse-Pereira (2015-2020), Anne Lise Silveira Scappaticci (2021-2024) e Alexandre Socha (2025 até o presente). Cada uma dessas editorias trouxe novos aportes conceituais, inovações gráficas, capas, seções e ampliação das temáticas, mantendo a revista em contato com o seu entorno. De certo modo, tais mudanças mantiveram viva a tradição de liberdade e experimentação presente desde a fundação da revista, ao mesmo tempo em que renovaram os debates societários e promoveram uma concepção de psicanálise não dogmática e em constante movimento.

6 Entre 1993 e 1996 a editoria da IDE ficou a cargo de Alan Victor Meyer, Chulamit Terepins e Eva Teperman Ocougne, integrantes da gestão anterior que deram continuidade ao programa editorial iniciado por Leopold Nosek.

As demais entrevistas selecionadas para este livro, com Christopher Bollas (1997), Paulo Mendes da Rocha (1998), Maria Rita Khel (2003), Marília Aisenshtein (2006), Isaías Melsohn (2007) e Luiz Tatit (2012), representam esse período de enraizamento e desenvolvimento editorial, em que a IDE deixou as margens em definitivo para afirmar-se como uma força propulsora na produção psicanalítica da SBPSP.

Em continuação

Ao longo dos oitenta números publicados até hoje, a seção de entrevistas ocupou sempre um lugar de destaque na IDE, expressão de alicerces pautados pelo diálogo, pelo questionamento e pela diversidade. Por esse motivo, escolhemos como tributo aos seus cinquenta anos uma seleção de conversas com personalidades influentes, tanto do meio psicanalítico quanto da cultura em geral. Toda escolha é, certamente, arbitrária, e muitas outras entrevistas poderiam ter sido incluídas nesse livro. Priorizamos aquelas que continham discussões que, mesmo tendo sido dirigidas ao seu momento presente, permanecem relevantes ao leitor contemporâneo, evidenciando sua sobrevivência à passagem do tempo.

Essas entrevistas, provenientes de épocas e contextos por vezes muito distintos, quando colocadas lado a lado, revelam um terreno comum. Em algumas delas, destaca-se a investigação das relações entre a psicanálise e a cultura: seus métodos, expansões, obstruções, transcendências, inspirações, influências e riscos de reducionismo. Em outras, uma investigação da própria cultura psicanalítica: seus autores, conceitos fundamentais, o funcionamento de grupos e a convivência institucional. Em suma, o conjunto dessas entrevistas aponta para uma problematização sobre como a psicanálise compõe a cultura de seu tempo e como, simultaneamente, produz uma cultura específica dentro de seu próprio campo. Como definiu Nosek retrospectivamente, “não se tratava de uma revista de psicanálise e cultura, mas continha a ideia de que a própria psicanálise era cultura, ou seja, que eram termos inseparáveis” (2012, p. 511)

De fato, o surgimento da IDE foi um “desvio”. Mas um desvio necessário, talvez imprescindível, que respondeu a necessidades prementes em uma certa cultura psicanalítica, e continua a fazê-lo desde então. Nesse sentido, algo de sua proposta original pode haver se mantido, caso consideremos a IDE um sofisticado

“boletim” informativo: um espelho que reflete seu momento histórico e, com isso, oferece aos leitores notícias de si mesmo.

Com cinco décadas de difusão e estímulo à produção psicanalítica, a IDE pode ser considerada não apenas um patrimônio da SBPSP, mas também da própria psicanálise brasileira. Se a sua existência, como já mencionado, é um fato raro, sua longevidade é decorrente do esforço e da persistência de colegas que souberam conferir à revista novos sentidos sempre que ela pareceu dar sinais de esgotamento criativo. Como forma de homenageá-los, incluímos ao final deste livro a lista completa dos grupos editoriais, desde sua fundação até o presente.

Esperamos que a presente obra contribua não apenas para o olhar retrospectivo sobre a trajetória da revista, mas também para a abertura de novos caminhos ainda por vir. Sua difusão entre novos leitores tem, portanto, o propósito de cultivar a vocação expressa no próprio nome que carrega, o imperativo do verbo ir: IDE.

Referências

- Hamer, C. J.; Azambuja, D. C. de; Favilli, M. P.; & Lima, L. T. de O. (2015). Os primeiros anos da IDE: lembranças e reflexões. IDE, 38(60), SBPSP.
- Lima, A. A. & Azambuja, S. C. (1983). Editorial. In IDE, n. 9, SBPSP.
- Nelken, R. S. (1986). Editorial. In IDE, n.12, SBPSP
- Nosek, L. (1988). Editorial. In IDE, n. 15, SBPSP.
- Nosek, L. (2012). Revista IDE: uma discussão acerca de psicanálise e cultura. In *Dimensões*, SBPSP.



ide

Publicação
DA

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
ANO 2 - 1976 - Nº 2

1. Caetano Veloso: “Onde medra a magia”¹ (1976)

Parte I

Uma entrevista realizada sob o signo da magia do poeta e compositor Caetano Veloso, onde a discussão sobre a inspiração surge como proposta para exprimir o funcionamento real do pensamento. Parte inicial de uma longa conversa com Luiz Tenório Oliveira Lima – do Instituto de Psicanálise e amigo de longos anos – esta entrevista, a que pretendemos dar sequência no próximo número, foi realizada na casa de Caetano, no Rio de Janeiro, no Sábado de Aleluia, 17 de abril de 1976, e interessa a todos que se perguntam sobre o lugar do sonho e do jogo desinteressado do pensamento na criação humana:

TENÓRIO – *Partindo da suposição de existir uma experiência inconsciente, como você veria, enquanto poeta e artista, a relação entre a criatividade que se expressa através de um trabalho poético, e esta experiência inconsciente, esta parte oculta, obscura, que não é referida ao saber consciente da pessoa?*

CAETANO – Eu não sei bem, porque quando a gente faz as coisas a gente se encontra fazendo, não é? Esse negócio de criar objetos de arte é uma coisa que, desde menino, me parece uma coisa que eu tendo a fazer. Que me parece fácil, como se fosse, dentre as coisas que são oferecidas pra se fazer, algo que eu sei fazer. Então, pra mim, é fazer e querer mostrar que sei. Isso que estou dizendo é o máximo de consciência que eu tenho sobre a criação artística em mim. Pra falar mais sobre qualquer coisa que revele o modo como o inconsciente aparece na criação artística, e que papel isso que a gente chama de inconsciente desempenha no ato da

1 Entrevista original publicada em IDE, n. 2, 1976 (parte I) e em IDE, v. 2, n. 3, 1976 (parte II).

criação artística, só você detalhando mais nas perguntas, porque senão eu fico nessa coisa do saber fazer.

TENÓRIO – *É como se brotasse algo espontaneamente a que você dá uma direção, digamos assim, um objeto, uma obra, um trabalho.*

CAETANO – É, pra mim, é como se eu tivesse a faculdade. Tenho a impressão de que é assim, como se eu tivesse um repertório de possibilidades de ação, e que a escolha desse tipo de ação, é a que me pareceu mais natural, mais imediata. Aqui eu “tô”, isso eu sei fazer, entendeu? Quer dizer, se é pra fazer coisas bonitas, se é pra encantar as pessoas, nisso aí eu tenho jeito. Pra isso eu “tô”. É estranho, porque dizer isso não revela muito. Mas talvez sim, exatamente por não revelar talvez dê alguma graça.

TENÓRIO – *Você sente isso, em alguns momentos, como ideias ou impressões que se impõem e que exigem expressão objetiva, fora de você? Uma coisa que se apresenta para você e que não haveria outra alternativa senão dispor dela para a expor, como uma necessidade? Por exemplo, como um poema ou uma canção?*

CAETANO – Como se fosse a coisa em si que se apresenta, ou se fosse eu que a fosse dispor?

TENÓRIO – *A algo sobre o que você tem um controle, que não é imperativo. Não digo isso em geral. Digo em relação a determinados momentos criativos.*

CAETANO – Isso lembra a palavra “inspiração”, não é?

TENÓRIO – *É. Eu estava pensando nela, embora tenha tido o cuidados de não...*

CAETANO – O pudor, talvez, por que não dizer, não é?

TENÓRIO – *Sim, o pudor.*

CAETANO – Eu acho que essa palavra... Até me lembro que quando estava estudando no curso secundário eu comecei a ler um poeta brasileiro que uma professora de inglês sugeriu. Ela achava que eu devia ler porque... não sei por quê, acho

que ela gostava de literatura, de poesia, e gostava de minha inteligência, e quis me dar essa dica. O poeta era o João Cabral de Melo Neto. Então eu li e achei maravilhoso. À primeira vista eu tomei um susto e achei difícil, mas logo em seguida ficou fácil e achei fascinante. Na época achei que era o máximo em poesia. E ele fala muitas vezes, usa muitas vezes a própria poesia como se fosse uma exemplificação da negação da inspiração. Como se não houvesse nada de misterioso, nem de mágico, no ato de criar, artisticamente.

TENÓRIO – *Algo como a “Psicologia da Composição”, de Poe?*

CAETANO – É, eu não conheço a “Psicologia da Composição”, mas acho que você mesmo já falou uma vez sobre isso, já ouvi outras pessoas falarem. Não sei se é bem a mesma coisa, mas no caso dele é como se fosse assim: a poesia é o resultado de um trabalho consciente, o esforço da construção de um objeto muito claro, entendeu, onde não medra a magia. Tem até um verso dele (João Cabral) que fala isso em um momento. Nessa época, achava isso impressionante, e de todo modo havia um som de que a ideia de inspiração era uma ideia ridícula. No entanto eu não acho não, hoje em dia eu não acho. Por exemplo, já ouvi o Dorival Caymmi falar assim em conversa: “eu acho que não sou eu que faço”. Em uma das canções mais recentes dele – ele fez uma canção agora, que se chama “Sargaço mar”, que ainda está praticamente inédita, porque só foi cantada por ele nesse espetáculo que fez com Gal – ele começa dizendo: “quando se for esse fim de som/ doída canção que não fui eu que fiz...”. Dentro de uma música dele já tá lá a frase. Ele tem a impressão de que não é ele, de que a coisa acontece com ele, não é? E, pra mim, eu sempre tive a impressão de que fazer é muito fácil, entendeu? Que fazer poesia – e mesmo música, que não sou muito bom músico nem conheço muito bem música, porque por um lado não tenho uma intuição musical muito rápida, como outros colegas meus têm, e por outro lado não tenho estudo de música pra poder ter um controle muito grande da produção musical – mas a possibilidade de organizar formas é tão fácil em mim que mesmo música eu transo de um modo criativo, e tal. Então, tanto faz, eu penso que podia fazer cinema, penso que podia escrever romances, podia fazer a poesia de livro, do tipo tradicional, concreta, eu me sinto meio assim um profissional. Acho que eu podia botar uma tabuleta na porta: faz-se arte. E a pessoa batia, era só eu treinar

2 N.E.: Alusão ao ensaio de Edgar Allan Poe, “Filosofia da composição”. “Psicologia da composição” é título do célebre poema de João Cabral de Melo Neto.

pintura, era só eu ter tempo e organização pra treinar todos esses meios, me treinar em todos esses meios e eu conseguiria fazer, bastando que houvesse um estímulo no sentido de fazer o quê e como, em que direção: o que se deve fazer agora? Então, o problema, pra mim, fica somente no problema da escolha do que fazer, uma vez que eu estou fazendo alguma coisa. Quer dizer, eu estou fazendo música popular. Eu caí nessa coisa, essa coisa caiu em mim, meio por acaso, e eu faço isso. Mas a impressão que tenho é que o mais forte em mim é uma coisa que se chamaria de talento, que é aquela facilidade de fazer, entendeu?

Mas eu não sou virtuose nisso, porque não sei fazer nada muito bem. Por um lado, por preguiça de me tornar um virtuose em alguma coisa, em todas elas ou em muitas delas. E, por outro lado, por desconfiança. Essa desconfiança nasce do “o que fazer?”. Quer dizer, qual o sentido de fazer? Que eu sei fazer, que me seria fácil aprender, desenvolver, eu não tenho a menor ansiedade quanto a isso. Se eu disser assim: bom, agora eu quero fazer música, eu quero fazer um poema, quero pintar um quadro, que eu vou e faço. É o que eu falei – a capacidade de imaginar, de organizar as formas pra conseguir um objeto de arte, me parece perene em mim. Agora, a escolha do que fazer, aí é que vem toda a coisa. A escolha dependeria do estímulo, e aí o problema é a seleção dos estímulos. Aí entram outros problemas que são de outra ordem que não propriamente artísticas, estéticas, que é toda a coisa de que se alimenta isso. Eu digo assim: eu sei que a qualquer momento eu posso fazer uma música, mas o que é que me faz em determinados momentos compor, e em outros não? Quer dizer, eu não vou ficar o tempo todo fazendo música, ou escrevendo poema dia e noite. Não vou. Então, tem momentos que são propícios. Mas eu não vivo assim como se fosse uma coisa mágica, de repente me vem uma inspiração e me toma. Não. E também não vivo uma coisa de projeto: “eu acho que o mundo precisa ouvir isso e isso, e eu estou capacitado a dizer; eu acho que a poesia precisa ser assim ou assado, e eu estou capacitado a escrever; eu acho que o modo de sentir as coisas precisa ser movimentado dessa e daquela maneira, e eu preciso, eu tenho a possibilidade de agir no sentido de que isso ocorra, e então eu decido o momento certo e vejo com clareza e faço”. Quer dizer, não é nem uma coisa, nem a outra.

Aquele negócio que eu estava contando do João Cabral de Melo Neto é como se fosse isso, um trabalho que você tem a consciência do que deve ser feito e então você se dispõe a fazer, de um modo racional. Isso é uma ilusão e eu não acredito que se dê com ele. Eu acho que na verdade o que se dá com ele é inspiração, tanto quanto comigo, com todo mundo. Pra mim o negócio é esse,

eu sinto assim. Ultimamente eu estou mais passivo do que antes, sob esse ponto de vista, mais entregue à inspiração, e acreditando mais na magia do momento. Mas muito a partir exatamente dessa necessidade de selecionar o estímulo, de querer saber: qual o estímulo a que devo obedecer? Como eu não tenho a resposta, como a resposta é difícil, eu me torno mais entregue. Eu hoje em dia acredito muito mais, por exemplo, numa não linearidade do desenvolvimento artístico. Não tenho tanta necessidade de fazer uma coisa que não tenha feito antes, ou que nunca tenha sido feita, ou que... Enfim, eu tenho hoje em dia mais necessidade de que o que aconteça seja de algum modo colocado com equilíbrio dentro da transação toda, de eu fazer como tudo que acontece, e como esse tudo me estimula. A inspiração não é uma coisa que se dá somente dentro de mim. Eu não quero dizer que haja momentos propícios no sentido de que me vêm ondas de criatividade. Não, o que eu estava dizendo é que eu sinto essa possibilidade de criar objetos de arte como uma coisa perene, e que também tem todo o ritmo do meu cotidiano e do que acontece, os meus horários, a hora que eu tenho pra ficar fazendo música... De uma forma ou de outra a gente vai selecionando na vida da gente horas pra fazer coisas, pra escrever, e tal. E tudo isso é que eu não sei selecionar, entendeu? Eu estou querendo dizer é da minha incapacidade de controlar o momento ótimo para isso. E confessando a minha decisão, no momento atual, de não tentar controlar esse momento. Porque tudo que acontece fora de mim, tudo isso é inspiração.

Eu digo hoje em dia que de uma certa forma eu sacralizo mais os momentos de criação. Não é apenas uma questão de eu saber que eu sempre posso fazer, e que basta que eu pare de fazer as outras coisas e vá fazer aquilo, que eu faço. Não, é por quê parar de fazer as outras coisas, em que momento, quando dá vontade de parar? E, na hora em que você vai fazer, o que você vai fazer? E esse “o que” você vai fazer também se refere a uma seleção desses estímulos, do que o levou a parar pra fazer. Eu não posso ter um controle dessa seleção, então eu tenho que admitir a palavra inspiração. É um conjunto de coisas que leva a isso.

TENÓRIO – *Um conjunto de coisas que você acolhe num determinado momento e em determinadas condições. Acolhe, recebe e trabalha com aquilo, seria isso?*

CAETANO – É, isso acontece, necessariamente. Agora, o que estou querendo falar mais é no negócio da inspiração ser...

TENÓRIO – *Algo que está fora de você também.*

CAETANO – Também.

TENÓRIO – *Que se constitui como se fosse uma configuração de determinados estímulos, fora de você, seja uma música que ouve, um espetáculo que vê.*

CAETANO – Mas isso vindo do mais cotidiano, como a oportunidade de estar numa situação de poder pegar um violão e transar um tema, por não estar ocupado ou preocupado com outras coisas, mas dedicado àquilo. Digamos – o almoço já saiu, eu já almocei, agora me sento aí, estava mais ou menos com uma ideia, eu posso fazer. Isso é uma coisa puramente cotidiana. Desde esse ponto até o mais distante dele, que seria: o que significa eu fazer isso? Quer dizer, para que eu estou fazendo, por que é que é bom ser feito? Julgar isso também tem muitas nuances: o que diz o “como” eu digo isso que eu digo? Isso é um outro modo de julgar. Tudo isso concorre e é vivido ao mesmo tempo. Eu faço música popular no Brasil. Então, em que pé está a música popular? O que é que eu tenho ouvido? O que eu acho do que tenho ouvido? O almoço já saiu, agora eu peguei o violão, o que é que me veio à cabeça? De repente sai uma música que eu acho linda. Nesse momento, essas coisas concorrem pra que eu, em meu movimento interior, nos impulsos mais desconhecidos da minha consciência, tenha chegado àquele ponto, me encontrado na situação de estar com aquelas notícias, aquelas músicas, de estar num local onde eu possa pegar o violão e tocar. Enfim, tudo isso então é inspiração, porque eu não posso controlar. Você está entendendo o que que eu quero dizer?

TENÓRIO – *Estou entendendo.*

CAETANO – Eu tenho a impressão de que isso responde àquela sua pergunta, que no fundo era sobre a inspiração.

TENÓRIO – *E eu estava pensando numa analogia com o processo de trabalho analítico, onde durante 50 minutos duas pessoas se defrontam conversando, e onde uma série de estímulos brotam. O analisando fala uma coisa, faz um silêncio, comenta, e há uma série de estímulos. O que é que leva o analista, naquela situação específica de 50 minutos, a fazer uma interpretação, pontuar*

de um modo e não de outro? E por que ele escolheu para interpretar aquela determinada configuração, falada, expressa pelo analisando, e não uma outra? Eu estou vendo analogamente, e limitado à experiência de 50 minutos, lá onde a variação mesmo assim é infinita. Agora imagine numa situação como esta, em que você se sente sujeito a uma série de estímulos, internos e externos, o estímulo da memória, e aquilo de repente chega a um determinado momento, a depender também das necessidades – quer dizer, você acabou de almoçar, ou acabou de tomar banho, ou estava ocupado, está com o violão e faz. Esse momento representa, então, aquilo que você está definindo como inspiração: um conjunto de infinitos estímulos a que estamos submetido em uma determinada situação.

CAETANO – É. E eu estou chamando de estímulos até coisas que não são ativas. Considero um estímulo o simples fato de não haver um empecilho.

TENÓRIO – *Na analogia que fiz eu não considerei esse aspecto, mas a própria situação da análise...*

CAETANO – No caso da psicanálise, acho que esse aspecto...

TENÓRIO – *Já está implícito.*

CAETANO – Sim, está implícito, é combinado, você tem uma hora marcada lá, chega e já sabe que naquela hora ali... Esse é o primeiro estímulo.

TENÓRIO – *O primeiro estímulo e talvez o mais importante. A pessoa pode enlouquecer durante 50 minutos, de um modo inofensivo – pelo menos inofensivo até certo ponto. Mas eu queria lhe perguntar quanto a um tipo determinado de estímulo, que seriam os estímulos mais internos, memórias, reminiscências, esse aspecto. Eu tenho algumas ideias a respeito do seu trabalho. Araçá Azul, por exemplo, não só a música, mas toda a ideia do trabalho configurado naquele disco parece ligado ao sonho com o arará azul. Ou a frequência de certas palavras, não só pelo som que elas têm, mas pelo sentido. Palavras como “água”, que comparece com frequência em um número muito grande de poemas, de letras de música. Você já teve a atenção voltada para isso?*

CAETANO – Não, não tive não. É a primeira vez que ouço falar. Eu gostei. Anteriormente só me falavam do verbo “ir”.

TENÓRIO – *Ir?*

CAETANO – Muita gente da universidade que faz essas contas, que conta as palavras, poetas concretos, todo mundo notava muito o verbo “ir”. Água eu gostei mais ainda, adorei, não tinha percebido.

TENÓRIO – *A minha pergunta seria: até que ponto existiria uma relação de reminiscência que você apreende conscientemente do seu passado, da sua formação? Você vê alguma importância disso na composição?*

CAETANO – Claro que eu vejo. Eu vejo muito. Eu sou um cara até muito... a memória me toma. Reminiscências me fascinam, me estimulam, me animam, eu gosto de lembrar. Às vezes, a memória me toma tanto que se torna demais. Hoje em dia já não ocorre tanto, mas de todo modo isso se dá comigo, como pessoa. No caso daquele disco, *Araçá Azul*, é um disco que terminou ficando muito cheio disso por uma razão quase inversa, porque foi um disco que eu fiz sem pensar, sem me preparar pra pensar. Não é que eu tivesse projetado fazer uma coisa assim ou assado – não, eu quase não tinha composição nenhuma quando entrei no estúdio. Tinha acho que só o “Júlia/Moreno”. É, “Júlia/Moreno” eu tinha a letra, não tinha nem a música, só tinha escrito a letra, eu acho.

TENÓRIO – *Eu lembro.*

CAETANO – É, não é? E eu entrei no estúdio e em poucos dias eu disse assim: eu vou fazer, mesmo com minhas deficiências de músico eu vou fazer a parte musical, vou inventar, vou fazer o que quiser no estúdio, o que pintar. Então pintou aquilo que você viu. Daí, pelo fato de ter sido feito assim, apareceu muita coisa. Muito clima de Santo Amaro, da minha cidade, muito clima da minha infância. E uma coisa que veio a ser o nome do disco, que é o negócio do sonho. Foi um sonho que eu tive e que, simbolicamente, botei como nome do disco. Eu sonhava que eu queria colher um araçá, num araçazeiro, e eu via de repente um araçá azul, diferente de todos os outros; eu sentia que ele era meu e que ele era lindo, e eu queria tirar aquele araçá pra mim. Era uma emoção muito linda durante o sonho, e eu

Ao longo de cinco décadas, a revista *IDE* vem se afirmando como um espaço singular de interlocução entre a psicanálise e a cultura. Por sua própria natureza, a *entrevista* é um espaço de abertura a si e ao outro. Nela se preserva o que há de mais singular na voz de quem fala, ao mesmo tempo que reflete o espírito de um momento histórico coletivo. Esta coletânea reúne entrevistas com psicanalistas de tradições diversas e com pensadores de outros campos, publicadas nos últimos cinquenta anos. Seu conjunto é um retrato da busca por pluralidade e do confronto entre alteridades, traços que caracterizam a linha editorial da revista desde a sua fundação.

Mais do que um registro histórico, *IDE em entrevistas: 50 anos* celebra a vitalidade de uma publicação que continua a sustentar o diálogo psicanalítico em suas múltiplas vozes e a reencontrar continuamente a psicanálise *na* cultura, *com* a cultura e *como* cultura.

Organizadores

Alexandre Socha

Alessandra Susie Quesado Nicoletti

Bruna Paola Zerbinatti

Gilca Zlochevsky

Pedro Ernesto de Souza Sang

Rita Andréa Alcântara de Mello

ISBN 978-85-212-2752-6



9 788521 227526



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

IDE em entrevistas

50 anos

Alexandre Socha, Alessandra Susie Quesado Nicoletti,
Bruna Paola Zerbinatti, Gilca Zlochevsky,
Pedro Ernesto de Souza Sang e Rita Andréa Alcântara de Mello

ISBN: 9788521227526

Páginas: 254

Formato: 16 x 23 cm

Ano de Publicação: 2025
